Revista do
CEAM

ISSN 1519-6968

Artigos

Cartografias de ruídos: em torno de escutas remotas e distanciamentos

Pedro de Andrade Calil Jabur
Universidade de Brasília. Faculdade de Ceilândia. Brasília, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-5921-8993
pedrojabur@gmail.com

Cássio Henrique Oliveira da Conceição
Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. Brasília, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-1912-0550
cassiohenrique28@gmail.com

Tâmara Rios de Sousa
Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Brasília, Brasil
http://lattes.cnpq.br/0487022179366782
tamararioss@hotmail.com

Vânia Maria de Souza Rosa
Fórum Permanente sobre População Adulta em Situação de Rua do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil
pedrojabur@gmail.com

Márcia Maria Regueira Lins Caldas Chianca
Ministério Público Federal. Brasília, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2043-8993
pedrojabur@gmail.com

Manuela Lins Caldas Chianca
Clínica da Família Maria do Socorro Silva e Souza. Rio de Janeiro, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-0115-6459
manuela.chianca@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.3953157
Recebido / Recibido / Received: 2020-05-31
Aceitado / Aceptado / Accepted: 2020-06-26

Resumo

O presente artigo parte de uma série de cartografias realizadas na região central do Plano Piloto em Brasília-DF entre julho de 2019 e março de 2020 – como parte de um

projeto de extensão da Universidade de Brasília (UnB) com a população em situação de rua - para analisar a produção de novos encontros em um momento de distanciamento e interrupção do trabalho diretamente nas ruas devido à pandemia. A partir deste cenário, propõe-se discutir o fazer cartográfico como instrumento metodológico no qual se proporciona o encontro e, a partir deste um fazer comum. Sob os efeitos do contexto atual, apresentamos os resultados dessas novas possiblidades de encontro a partir de 'ruídos' na tentativa de caracterizá-lo em seu estado nascente: informal, fugaz e mutável e, ao mesmo tempo, reforçando seu caráter potencialmente comunitário.

Palavras-chave: Brasil, Brasília, Coronavírus, Pandemia, Pesquisa qualitativa, População em situação de rua.

Noise mapping: around remote listening and distancing

Abstract

This article takes a series of cartographies carried out in the central region of the Plano Piloto in Brasília-DF between July 2019 and March 2020 - as part of an extension project of the University of Brasília (UnB) with the homeless population - to analyze the production of new meetings at a time of distance and interruption of work directly on the streets due to the pandemic. From this scenario, it is proposed to discuss cartographic making as a methodological tool in which the encounter is the goal and, based on this, a common making. Under the effects of the current context, we present the results of these new possibilities of encounter based on 'noises' in an attempt to characterize it in its nascent state: informal, fleeting and changeable and, at the same time, reinforcing its potentially community character.

Keywords: Brazil, Brasília, Coronavirus, Homeless population, Pandemic, Qualitative research.

Cartografías de ruidos: en torno a las escuchas remotas y los distanciamentos

Resumen

El presente artículo parte de una serie de cartografías realizadas en la región céntrica del Plan Piloto en Brasilia-DF entre julio de 2019 y marzo de 2020 – como parte de un proyecto de extensión de la Universidad de Brasilia (UnB) con la población en situación callejera – para analizar la producción de nuevos encuentros en un momento de distanciamiento e interrupción del trabajo, directamente en las calles a consecuencia de la

pandemia. A partir de este escenario, se propone discutir el quehacer cartográfico como instrumento metodológico en el cual se proporciona el encuentro y, a partir de este un quehacer común. Bajo los efectos del contexto actual, presentamos los resultados de esas nuevas posibilidades de encuentro a partir de 'ruidos' en la tentativa de caracterizarlo en su estado naciente: informal, fugaz y mutable y, a la vez, reforzando su caracter potencialmente comunitario.

Palabras clave: Brasil, Brasília, Coronavirus, Investigación cualitativa, Pandemia, Población en situación callejera.

1 Introdução

Este artigo parte da discussão de resultados de uma série de cartografias realizadas na região central do Plano Piloto em Brasília entre 2019 e março de 2020, como parte de um projeto de extensão sobre a população em situações de rua no Distrito Federal (DF) iniciado ainda em 2013 e que hoje se organiza como um coletivo, chamado Observa PopRua formado por pesquisadores, professores, alunos da Universidade de Brasília (UnB) e profissionais. Parte de nossas ações estiverem ligadas ao edital de extensão da própria UnB para trabalhos na região do Setor Comercial Sul em Brasília.

No dia 11 de março, quatro dias após o primeiro caso notificado na região, o Governo do Distrito Federal (GDF) interrompeu aulas em escolas e faculdades e suspendeu o atendimento ao público em serviços não essenciais e eventos que causem aglomerações. Nosso último trabalho realizado ocorreu em 18 de março.

A partir de então, interrompemos nossos encontros. Distantes e a partir de um filtro institucional e midiático, soubemos que o governo distrital, através da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes), em 24 de março de 2020, anunciou oficialmente que disponibilizaria cerca de 850 vagas de localizados na região do Plano Piloto. No alojamento provisório que está instalado no Autódromo Internacional Nelson Piquet foi definitivamente aberto no dia 7 de abril e se encontra atuamente com grande ocupação. Em maio foi aberto um outro alojamento no Estádio do Abadião em Ceilândia com capacidade para 200 pessoas. Inicialmente, e este é o único dado oficial disponibilizado, houve a acolhida de 40 pessoas. A estrutura oferece dormitórios, banheiros, área para a lavagem de roupas e alimentação (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Construindo escutas com os apontamentos colhidos das nossas aproximações cartográficas, durante quase um ano em território, com as entrevistas realizadas e transmitidas remotamente com pessoas que continuaram e continuam realizando trabalhos voltados à população em situação de rua por todo o país e os relatos de profissionais e trabalhadores que participam da rede do coletivo, tentaremos construir um mapa sonoro com as miríades dos comuns dessas escutas; rasteios de conversas provisórias, novas invenções de instrumentos de escuta de intensidades; testes para estar-juntos.

Num momento em que parte das atenções e das tensões de todo um sistema mundo se voltam aos testes que o campo científico da saúde é capaz de criar, aplicar a analisar na tentativa de solucionar a crise no novo coronavírus, tentaremos apresentar como as fomas de utulização das tecnologias leves da saúde (COELHO; JORGE (2009) são estratégicas nesse momento como espaços de para infindáveis experimentações dos próprios fazeres.

O próprio funcionamento da ciência, explica Ronnell (2010), nos convida a ler as vidas e suas manifestações a partir da experimentação, “dos testes e de suas promessas fraturadas e frustradas, seus movimentos articulados, renovações históricas, os pontos de interrogação” (RONNEL, 2010 p. 15).

Apresentaremos a seguir alguns destes testes metodológicos e instrumentos de trabalho que inventamos e colocamos a prova a partir do coletivo Observa PopRua. Em seguida tentaremos construir, a partir do distanciamento de nosso trabalho na rua, uma cartografia desses ruidos escutados. São ruídos, não na intenção de diminuí-los ou menosprezá-los, mas em razão de seu caráter, primeiramente quase que informal em relação a parâmetros mais estritos da escuta, mas também por sua combinação de fugacilidade e mutabilidade. Em estado de teste, as informações, mas também as construções institucionais e cotidianas passam por modificações contantes; assim como um ruído.

Justamente essas escutas de conversas rápidas e fugazes fazem parte da construção e desenvolvimento do nosso trabalho nas ruas a partir das composições conjuntas (a várias vozes), de escutas à margem nas calçadas com barulhos, sons de trânsito, frases que se perdem.

Os resultados de nossos trabalhos são propriedades de um comum a partir de encontros que passam sem ser demasiadamente visíveis justamente para abrir possibilidades de se chegar junto a experiências e vidas constantemente desqualificadas e vulnerabilizadas; uma tentativa de se criar ali linhas (sempre efêmeras) de cuidados.

Como coloca Pelbart (2019) é preciso ser delicado na aproximação da precariedade das existências, dos rumores, das conversas que circulam e de que tanto circular se travestem de boatos, de mitos, de contas que não batem e de previsões impossíveis de se confimarem.

2 Caminhos e voltas possíveis com a cartografia

A idéia tradicional de cartografia está ligada ao campo da geografia e seu fazer ligado a construção de mapas referentes a territórios, regiões, fronteiras, topografias, podendo ainda tratar da distribuição de uma população em um espaço, destacando suas características étnicas, sociais, econômicas, de saúde, educação, alimentação, entre outras.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) dobraram estes usos, para apresentá-la como um instrumento maquínico construído para se capturar momentaneamente os múltiplos; os ruídos n-1: temporalidades, existências, percursos e caminhos, redes vivas, vulnerabilidades e situações nas ruas. Se trata da construção de mapas móveis, muito mais do que uma representação estática ou um decalque daquilo que quando se analisa já é passado,

Uma antena de captação, como denominamos a partir do trabalho de extensão, que não é instalada exclusivamente em territórios geográficos, mas em campos de forças e relações tentando captar as intensidades que podem se ligar ou não momentaneamente a um grupo populacional específico ou uma localização precisa. Antenas e extensões que tentam seguir as linhas dos desejos produzidos (e que não cessam de serem produzidos), com movimentos de entradas e saídas de pessoas, de participantes, de escutas, de pertencimentos, de sujeições e subjetivações que perpassam a idéia de pessoas cirulando e habitando espaços; construindo territórios.

Ao buscar produzir encontros no território do Setor Comercial Sul em Brasília, o coletivo pensou na criação de “linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995), ações em que nos colocaríamos a disposição das pessoas que circulam pelas ruas da região, para produzirmos juntos algo a ser proposto juntos. Ou seja, nos colocamos para que pudessem interromper o fluxo maquínico do dia a dia das pessoas para a produção de um encontro e escutas. Como já antecipávamos, desde então, nosso convívio foi em grande parte com pessoas que se encontravam em situação de rua e os atendidos pelo CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) da região.

É nesse sentido que a cartografia abriga no seu fazer, pesquisa e intervenção, amplificação de saberes e realidades; fazer teoria e prática. Cartografar não é tão somente representar um “objeto de pesquisa” ou assumir uma posição de pesquisador ou pesquisado, ou processar e analisar informações acerca de um fenômeno previamente escolhido. Mas pressupõe sim uma intervenção no espaço a partir de movimentos e tentativas de implicar-se e comprometer-se com a realidade posta no momento do feitio desse espaço aberto.

Justamente pela necessidade do engajamento que o método cartográfico ultrapassa o fazer tradicional da pesquisa e se coloca como um método de produção de realidades e compartilhamento de territórios existenciais, onde a idéia tradicional de sujeito e objeto da pesquisa se misturam e co-determinam.

Um movimento que se assemelha muito ao que Mauss (2003) definiu como o tríplice funcionamento da dádiva, de dar-receber-retribuir um comum, como resultado de uma prática de trabalho de campo, convívio e disponibilidades produzidos ali na hora com os sujeitos em trânsito pelo território. Um comum como resultante da prática biopolítica da multidão, que se constitui como uma rede “aberta e em expansão”, múltipla e disforme, ampla e plural, que age para que possamos trabalhar e viver em comum, como explicam Hardt e Negri (2001).

São as possibilidades desses encontros comuns que orientam as ações cartográficas lançadas pelo coletivo. Por sermos prioritariamente formado por pesquisadores e profssionais da área da saúde, buscamos entender essa produção do comum como instrumentos e ação de produzir cuidado e saúde: estar juntos, como preceito estratégico de cada uma das antenas instaladas.

Para além de um convivialismo humanitário ligado ao sempre repetido jargão de se criar vínculos, estar juntos parte mesmo da idéia de conhecimento estratégico - desenvolvido por Foucault e explicitado em Hardt e Negri (2016) – que passa por criar incessantes formas de intervenção nas atuais relações de força, com o objetivo de subverter os poderes dominantes e reorientar as forças em determinada direção. Estratégico no sentido de colocar a produção de estar junto em nosso trabalho como implicado em uma produção alternativa de subjetividades, tanto nossas como com quem quer que chegue.

Por isso é pesquisa e intervenção ao mesmo tempo a partir de um caminhar que enquanto se move, lança novas e novas hipóteses, traçando sem parar novas metas. Conhecer e fazer se misturam enquanto componentes móveis do ato de cartografar, impulsionadores no necessário mergulho na experiência que transversa sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção em um mesmo acontecimento prático de construção de uma teia coletiva de forças.

Em nossos campos de testes, na tentativa de “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2016, p. 23), pautamos como metas de nossas operações, a

produção do encontro mais fugaz e menos antecipado possível. São formas de registros heurísticos em um estado de ensaio perpétuo procedendo unicamente por hipóteses constantemente lançadas, constantemente recolhidas e avaliadas em função de sua polivalência e de sua (in)eficácia concreta em produzir cuidados - por mais que estejamos tratando de imprevisibilidades e da produção de linhas fugazes e instáveis de obras nas e pelas ruas.

Como explica Ronnel (2010), “o teste é uma estrutura de pesquisa incessante, esquadrinha os muros da experiência, medindo, investigando o que é do mundo vivido [...] da finitude aberta, de disposição experimental” (RONELL, 2010, p. 12).

Essa disposição continua do trabalho de campo empreendido pelo coletivo seriam testes que tentam acompanhar as linhas que se traçam com as situações de rua. Por isso essas operações metodógicas de intervenção e pesquisa não tem como objetivo dar voz às existências territorias no Setor Comercial Sul, mas construir um plano de testes (e não um campo de pesquisa ou intervenção) em que a realidade toda se comunica a partir de várias intensidades e sua operação se retroalimenta com o encontro com os viventes das ruas do território.

Se colocar a diposição,

> no campo expansivo da completa promiscuidade do teste, propõe novos problemas e complica o intinerário de asserções que fazemos pelo mundo e suas contrações de cacos de imanência e transcendência [...] envolve a multiplcação de testes (RONELL, 2010, p. 12).

Essas variações incessantes nos obrigam a não parar de buscar a produção dos comuns, que não existem sem o processo de produzi-lo e reproduzi-lo, pois é um instrumento de ação e não considerações a serem encontradas.

Um espaço comum de experimentações de fazeres. Não é coincidência, portanto, que a a melhor tradução para a palavra inglesa commons não seja comum, mas sim rossio, um terreno roçado e utilizado em comum, remontando justamente às terras coletivas usufruídas pelas comunidades agrícolas da Idade Média no mundo anglo-saxão, ou seja, algo muito semelhante aos rossios ibéricos (SAVAZONI, 2018). A roça e o roçado como os territórios imanentes em co-produção inecessante para se cuidar do rossio.

Espaço do fugaz, mas também locus de uma maneira de se construir frutos de estarsmos juntos. Essa antena de captação é montada pela capacidade de constantemente favorecer o encontro como uma aventura ao mesmo tempo prudente e ousada, que dá lugar ao movimento de aproximação e interrogação constante a medida que se aproxima de um encontro, de disponibilidades possíveis, de escutas e histórias a serem narradas (PAIS, 2006).

As cartografias, construídas no projeto, se apresentam justamente como esses instrumentos duplos de captação e construção de expressividades a partir do encontro com a populacão em situação de rua no Setor Comercial Sul e que tenta, por fim, implodir o discurso monolitico do papel, do espaço e dos saberes do pesquisador a partir de um diálogo constante de percepções conscientes e incoscientes.

Nesse sentido as ruas da região, ao mesmo tempo, em que que são referências preponderantes de caracterização da população que nela habita ou passa a maior parte do seu tempo, são também formadas e transformadas em locus de vivências,

relações, sociabilidades, trabalho, moradia. É neste sentido que o território é uma espécie de linha expressiva que abre espaços e faz emergir espaços com qualidades próprias. São as expressividades produzidas no espaço que circunscreve um território. O território, como colocam Deleuze e Guattari (1995), só passaria a existir a partir do momento em que seus componentes se tornam dimensões, ou seja, justamente quando eles param de serem funcionais para se tornarem expressivos; no momento em que há expressividade.

O Setor Comercial Sul é um território do encontro de pares mais ou menos antagônicos e desiguais: comerciantes, ambulantes, policiais, a "cracolândia" do Plano Piloto, prostituição, CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial), donos de salas, população em situação de rua. No Setor Comercial Sul, cruzam-se forças sócio-econômicas díspares, como em qualquer centro de grande cidade no país. Assim, historicamente o SCS passou a ser estigmatizado como um território altamente perigoso e decadente. Nos últimos anos, algumas iniciativas da sociedade civil buscam desconstruir a negatividade empregada ao território por meio de atividades culturais que propiciam a ocupação criativa dos espaços e por diferentes grupos.

Por isso já não é, como foi planejado e denominado, uma área exclusivamente comercial, mas um espaço onde um número bastante de pequenos comércios (bares, lojas de roupa, bancos), serviços e negócios informais de vendedores ambulantes. A região reúne ao todo cento e seis edifícios, onde se concentravam empresas e escritórios com diferentes especialidades. Atualmente grande parte dessas salas estão desocupadas e nos edifícios existem andares inteiros livres e abandonados.

De acordo com dados de 2016, mais de 150 mil pessoas circulam pela região do setor todos os dias (CORREIO BRAZILIENSE, 2016). Além de ser um marco referencial na estrutura urbana do PlanoPiloto, inclusive por sua disparidade arquitetônica, o Setor Comercial Sul funciona como elemento articulador dos diversos setores do centro de Brasília e o que mais se aproxima a um centro urbano "tradicional", quer pela diversidade de pessoas que vem aqui para vários fins, quer pelo tipo de apropriação dos espaços daí resultantes.

3 Costurando ruidos: intensidades em situações de rua e novas incertezas em tempo de distanciamento social

Iniciamos nosso trabalho cartográfico pelas ruas da região especificamente em julho de 2019, tentando construir justamente essas cartografias de encontros com as pessoas em situações de rua e os atendidos pelo CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) da região. Com um grupo expressivo de estudantes de saúde coletiva, terapia ocupacional, pesquisadores da área da saúde coletiva e profissionais da psicologia, por todo o segundo semestre de 2019, o coletivo esteve pelo menos três vezes por semana nas ruas do Setor Comercial Sul.

Como já destacamos anteriormente, denominamos nossos testes de antenas cartográficas porque rapidamente se captou através delas que esses encontros serviam para a escuta não só do outro, mas de nós mesmos, transformando o que antes era campo em processos de de (auto)criação e (auto)investigação de territórios nossos. Nesse sentido, as regras de produção desses encontros não existem previamente a eles. Nesta co-criação, nosso fazer passava também pela atenção (cartográfica) aos

afetos e desejos como ‘produtores de mundos’ (DELEUZE E GUATARRI, 1995) moldados ali na hora.

Por isso, ao construir testes para estarmos juntos com a população do Setor Comercial Sul, estávamos também criando testes a nós mesmos; atividades capazes de nos conectar com o plano de imanência das vidas em encontro, com o comum, o estar-junto, na qual são engendrados as diversas e heurísticas produções do cuidado.

Pois de imediato estar nas ruas implica em ouvir nãos, recusas violentas ou mudas e monossilábicas, ríspidas ou carinhosas; de profundos sinais pedagógicos e profissionais, que causam efeito de questionar em qual a posição se estar ali. O valor das ruas contamina posições academicamente tradicionais – pesquisador, pesquisado, saber, escuta. Éramos pesquisadores em trânsito entre saberes passageiros e também em trânsito; como se o posicionamento entre sujeito e objeto se embaralhasse no meio da rua.

O estar na rua, ouvindo pessoas possibilitou que as pessoas pudessem participar ativamente dessas atividades. Ansiosas por serem escutadas a partir do o encontro afetuoso daquele momento, onde um grupo de pessoas e suas transversalidades tentam estarem juntas momentaneamente. Nossos encontros geralmente duravam cerca de duas horas.

Uma de nossas fontes de ruídos é o Café com Histórias, antenas que foram instaladas às quartas-feiras, em mais de 30 encontros desde 2019 e que foram interrompidas no dia 18 de março de 2020, primeira semana de confinamento decretada pelo GDF. Com uma mesa e cadeiras dobráveis instaladas a cerca de 100 metros do CAPS AD, cafés e bolos, um grupo de três ou quatro pesquisadoras, se dispunham a estarem ali produzindo do encontro, escutas através de histórias. Por vezes, juntavam cerca de 12 a 15 pessoas ao mesmo tempo, por vezes apareciam duas a três pessoas, mas logo se percebeu que algumas delas lá estavam sempre e afirmavam estarem esperando.

Em nossa última produção comum, já sob o susto e desconfiança da pandemia, nossa experiência foi transcrita por uma participante que estava indo pela primeira vez. A partir do seu relato, aqui livremente adaptado, podemos perceber um dos primeiros impactos da chegada do novo coravírus pela região do Distrito Federal.

Os ruídos serão apresentados em formas curtas e resumidas tentando justamente dar conta de sua provisoriedade e mutações. As formas, as menções e o ritmo de cada ruído são diferentes entre si, pis são resultados de várias formas de escutas: registros de cartografias, encontro de conversas online e escutas entre as ruas e quem está trabalhando nesse contexto.

São, como estamos afirmando desde o início, testes registrados, assim como nossos trabalhos de forma fugaz e polifônica. Separaremos em temas para criar justamente o efeito de um mapa cartográfico de relatos recolhidos no e pelo distanciamento.

Ruídos 1

Na manhã do dia 18 de março, flutuavamos entre sete a oito pessoas e as mulheres chegavam e saiam. A Índia, rosto sem sobrancelha, disse que queria era uma sonzeira para rebolar. Chegavam cachorros dos mais variados tipos. Chegavam mulheres de batom, mulheres bem vestidas, transsexuais indo passar base, arrumando seu cabelo que era início de dia. Chegavam rostos cheios de brincos. Foi em pé anarquicamente que pode começar a escutar. Um começou a me contar da vida, tomamos

um café juntos. A concepção de estar junto passa por uma ação peripatetica de se caminhar nas ruas por fios que conectam os que vinham e saiam através de um círculo anáquico e vivo. Logo atestaram que pessoa de rua não pega esse vírus, que é de rico. Os que estão na rua, contaram, estão acostumados com sol, com chuva, com frio e com calor. A pergunta que nos lançaram é se já tínhamos visto pessoas de rua morrendo de tuberculose ou de pneumonia: “Morre não; pessoa de rua tem as células e elas são envolvidas por uma armadura”.

Nesse primeio sinal captado, curto e agudo, através do relato de uma das pesquisadoras, a rua reforça seus sentidos ambivalentes e embaralhadores, correndo em todos sentidos: espaço do perigo, mas espaços de circulação de sabedorias. Mistura de lendas, boatos, ‘ouvires falar’, companhia, amizades, fofocas, violências, ignorâncias, perigos, vulnerabilidades, aglomerações e dissipações, contágios e curas.

Assim como cada grupo social tenta produzir suas distinções de imunidade, circulam pelas calçadas a ideia de que as próprias vulnerabilidades constantes e agudas das vidas em situações de rua formariam uma proteção inerente e mágica. Como se essas novas condições de perigo pudessem estar contidas nas próprias estratégias e relações, por vezes transitórias, por vezes não, que se formam, se criam e recriam nos espaços das ruas. (OBSERVA POPRUA; MERHY, 2020; OBSERVA POPRUA; FEITOSA, 2020; OBSERVA POPRUA; LEMÕES, 2020; OBSERVA POPRUA; OLIVEIRA, 2020)

Ruídos 2

A pop rua vive pandemias há muito tempo. A mais sabida é a de tuberculose. Essa população eem 2004 foi considerada pelo Ministério da Saúde como um grupo de elevada vulne- rabilidade. O Programa Nacional de Controle da Tuberculose (PNCT) considera a prevalência 67x maior de TB que na população geral, de acordo com estudo realizado em 2004 (ADORNO, 2004).

Ruídos 3

O fechamento do comércio, pelo menos de forma oficial em Brasília, dificultou a circulação de dinheiro e com isso quase zerou a forma de ganho ou de magueio cotidiano por parte de quem está no corre das ruas. A questão da alimentação passa a ser uma das principais demandas da população que se encontra nas ruas de Brasília e de outras cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Natal, Pelotas, Belo Horizonte e Feira de Santana. (OBSERVA POPRUA; OLIVEIRA, 2020; OBSERVA POPRUA; ASSIS, 2020; OBSERVA POPRUA; DUARTE, 2020; OBSERVA POPRUA; MATTOS, 2020.; OBSERVA POP RUA, et al. 2020).

A entrega de refeições passa a nortear várias ações ligadas à população em situação de rua por todo o país. Muitos coletivos e instituições que operavam com outras formas de aproximações e possibilidades, passa a focar suas ações na distribuição de cesta básica, item de alimentação e material de higiene.

Nas primeiras semanas de confinamento também se multiplicaram as demandas por espaços de higienização e cuidado. Em algumas cidades são instaladas pelas pias de lavar mãos, máquinas de lavar roupa e reformados banheiros públicos. Estas

movimentos aparecem de formas esporádias em algumas cidades e regiões. (OBSERVA POPRUA; OLIVEIRA, 2020; OBSERVA POPRUA; ASSIS, 2020; OBSERVA POPRUA; DUARTE, 2020; OBSERVA POPRUA; MATTOS, 2020.; OBSERVA POP RUA, et al. 2020).

Ruído 4

A falta de se estar nas ruas. Vânia Rosa, em entrevista, afirma que sua verdadeira redução de danos se estabeleceu com o trabalho que realiza com pessoas em situação de rua. Distanciados socialmente desde antes da pandemia, os viventes das ruas anseiam para serem escutadas, percebemos-nos todos, distintos e felizes com as linhas de fuga, em forma de encontros, que produzíamos às quartas feiras.

Ruido 5

Logo no início do mês de março de 2020, há um movimento de alguns que desejam sair de Brasília: atrás de família, cidade natal ou rumo para algum canto. Movimentos são feitos e alguns conseguem passagem de ônibus antes do fechamento desse tipo de viagem. Nos primeiros dias circulava entre algumas pessoas que encontramos pelas ruas, que um grupo de conhecidos a tinha saído a pé rumo à Minas Gerais

Ruídos 6

O uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), segundo relatos recolhidos no Rio de Janeiro e em São Paulo, dificultou, em um primeiro momento da quarentena, a aproximação de quem continua trabalhando com as pessoas que estão em situação de rua. O contato mais frio e distante é logo observado por todos os envolvidos.

Ruídos 7

A rua é produtora de ambiguidades. Ao mesmo tempo que sempre foi investida historicamente como uma espécie de anti-lugar - espaço exclusivo de passagem, de circulação, do não instituído, de interferências do sujo e do perigoso, cenário utilizado pelo desconhecido, feito para amedrontar desde as crianças que nela saem sozinhas, aos adultos que temem pela violência inerente de seus espaços - também se caracteriza como o espaço da diversidade, produtora do cotidiano e da vida. Nas ruas existem pessoas uma mistura de comuns a qualquer hora; misturam-se acontecimentos grandes e microscópios, comportamentos, traçados retos e marginais, monotonias e surpresas, o acadêmico e o promíscuo, o vulgar e o misterioso, as permanências e as mutações, o indispensável e o supérfluo, as certezas e a aventura.

Nesse momento se as ruas são os locais a serem evitados, cheios de possíveis contaminações, ela, é também, sempre desta maneira ambígua, espaço de abrigo para um contigente cada vez maior de pessoas que encontram nela um novo território de abrigo.

Além de um contigente expressivo de trabalhadores e pessoas que mesmo assim saem às ruas, é crescente o número de malocas construídas pelos cantos da

região central de Brasília e um contingente de trabalhadores autônomos, vendedores de rua, profissionais do sexo que ou não conseguem renda para voltar para casa ou já não mais possuem abrigo. Segundo relatos tanto em São Paulo como em Belo Horizonte esta realidade de repete. (OBSERVA POPRUA; OLIVEIRA, 2020; OBSERVA POPRUA; ASSIS, 2020; OBSERVA POPRUA; DUARTE, 2020)

Ruídos 8

O abrigo nesse momento para a população em situações de rua é o retrato da ausência de políticas públicas reais voltadas a esse grupo cada vez maior de pessoas.

Abrigar, mas porquê? Para cuidar.

Abrigar, mas onde? Existem iniciativas de hotéis (OBSERVA POP RUA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2020), de albergues existentes, espaços públicos, como autódromos, estádios, colégios municipais.

Abrigar, mas como? Tranquafiar como é de praxe. Ou com entrada e saída, que facilitam a disseminação do vírus dentro de espaços fechados.

Precisa abrigar? Algumas iniciativas em São Paulo (OBSERVA POP RUA; FEITOSA, 2020), busca dar abrigo àquelas pessoas que apresentam sintomas.

Ruídos 9

Hora de se testar linhas de cuidados para desencastelar a saúde dos muros ods hospitais. (OBSERVA POPRUA; MERHY, 2020)

Referências

COELHO, M.O; JORGE, M.S.B. Tecnologia das relações como dispositivo do atendimento humanizado na atenção básica à saúde na perspectiva do acesso, do acolhimento e do vínculo. **Rev Ciência & Saúde Coletiva**, n. 14 (Supl. 1): p. 1523-1531, 2009.

CORREIO BRAZILIENSE. COVID-19: Autódromo começa a receber população em situação de rua. Correio Braziliense, Brasília, 08 de março de 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/04/08/interna_cidadesdf,843254/covid-19-autodromo-comeca-a-receber-populacao-em-situacao-de-rua.shtml>. Acesso 28 mai. 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELGADO, M. **Sociedades movedizas**: pasos hacia una antropologia de las calles. México: Anagrama, 2007.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. São Paulo: Record, 2001.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Bem Estar Comum**. São Paulo: Record, 2016.

HOLSTON, J. A. **Cidade Modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MAUSS, Marcel. **Ensaios de Sociologia**. 2ºed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OBSERVA POPRUA; ASSIS, M. Live Observa 2020: Mércia Assis e a situação, Cnr e equipamentos em Natal. 2020. 1 vídeo (73 min). Disponível em: <https://youtu.be/WINERKfFk5c>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; FEITOSA, E. Live Observa 2020: Evelyn Feitosa e o trabalho nas ruas de SP e RJ em tempos de pandemia. 2020. 1 vídeo (64 min). Disponível em: <https://youtu.be/SlnOyxmfX0o>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; FESSÔ, J. Live Observa 2020: Julio Fessô: Se é difícil para quem tem casa, imagina para quem nem casa tem. 2020. 1 vídeo (60 min). Disponível em: <https://youtu.be/ZMa42YiAFNQ>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; FEUERWERKER, L. Live Observa 2020: Laura Feuerwerker e estratégias de cuidado e soliedariedade em tempos de pandemia. 2020. 1 vídeo (92 min). Disponível em: <https://youtu.be/u9vm7KcWBLE. Acesso 28 mai. 2020>.

OBSERVA POPRUA FONSECA, L. Live Observa 2020: Lucas Fonseca: Práticas possíveis nas ruas em tempo de pandemia. 2020. 1 vídeo (83 min). Disponível em: <https://youtu.be/oL3iUXtnAvk>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; LEMÕES, T. Live Observa 2020: Tiago Lemões e a pop em situação de em Pelotas. 2020. 1 vídeo (68 min). Disponível em: <https://youtu.be/lzntVBtUqK8>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; MATTOS, E. Live Observa 2020: Eduardo de Mattos: Vidas nas ruas de Goiânia em tempos de pandemia. 2020. 1 vídeo (75 min). Disponível em: <https://youtu.be/jJXSrcfxVNo>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POP RUA; MERHY, E. Live Observa 2020: Emerson Merhy e os cuidados construídos em território. 2020. 1 vídeo (92 min). Disponível em: <https://youtu.be/M64f73PKzG8>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; OLIVEIRA, K. Live Observa 2020: A questão da pop rua em Cuiabá. 2020. 1 vídeo (53 min). Disponível em: <https://youtu.be/FjY8NmoVV00>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; OLIVEIRA, M. Live Observa 2020: Marlete Oliveira: Necropolíticas e população negra. 2020. 1 vídeo (88 min). Disponível em: <https://youtu.be/FmsYiat7ikQ>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; OLIVEIRA, S.; CARVALHO, S.; PAZ, A. Live Observa 2020: A questão da pop rua em Salvador. 2020. 1 vídeo (106 min). Disponível em: <https://youtu.be/7i4dM2nzsCI>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA; SANTOS, D. Live Observa 2020: Daiana Santos -enfrentamento a Covid-19, saúde coletiva e comunidades. 2020. 1 vídeo (74 min). Disponível em: <https://youtu.be/eNJs2pQX4hM>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POPRUA, TORRES, V. Live Observa 2020: Observa PopRua e Vanilson Torres. 2020. 1 vídeo (90 min). Disponível em: <https://www.facebook.com/1678501009113365/videos/867391600438441>. Acesso 28 mai. 2020.

OBSERVA POP RUA; ROSA, V. Live Observa 2020: Vania Rosa falando sobre sua trajetória de vida e trabalho com a pop rua no RJ. 2020. 1 vídeo (105 min). Disponívem em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=242698033541808&ref=watch_permalink>. Acesso 28 mai. 2020.

PAIS, J. M. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Lisboa: Ambar, 2006.

PAIS, J. M. **Sociologia da vida cotidiana** - Teorias, métodos e estudos de caso. 4. ed. Lisboa: ICS, 2009.

PAL PELBART, P. **Ensaios do Assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PÉTONNET, C. **Observação flutuante**: o exemplo de um cemitério parisiense. Antropolítica, n.25, p. 99-111, 2008.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2016.

RONELL, A. **Campo de Provas sobre Nietzsche e o test-drive**. Florianópolis: Cultura e Barbárie Desterro, 2010.

SAVAZONI, R. **O comum entre nós**: da cultura digital à democracia do século XXI. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.